

Falaram depois sobre a missão, «ninguém te conhece em Luanda, fica descansado» e Leto não se sentiu descansado, recordando uma frase cuja origem desconhecia,

a sorte não passa de cuidado com os pormenores, cuidados que, naquelas circunstâncias, não lhe pareciam suficientes...

Ao saírem da sala, Leto despediu-se *bye, Lungile*. À porta do edifício, a despedida de Jan pareceu-lhe fria, a mão mais mole do que à chegada. Teve pena, pois pressentia que o não tornaria a ver... que distantes iam, pensou Leto naquele momento, os tempos em que se estaria nas tintas para o comandante Halaams, para Lungile e para aquilo tudo, recordou o Vasco e o *estintismo*, outra era, numa galáxia longínqua...

Voltou a Pretória com alegria. Antes de sair para a viagem a Joanesburgo, num impulso, convidara Jenny para jantar. Ela ter aceitado surpreendeu-o e deu-lhe um prazer genuíno. Fez os 70 km do regresso a imaginá-la, delgada, loura natural, talvez os olhos azuis não fossem verdes de *cliché*, *há quanto tempo não saio com uma mulher?*

Hoje, 23 de Outubro, um domingo, Sá da Bandeira está à distância de um tiro, não mais de 30 km do ponto onde passámos a noite, à saída de João de Almeida.

Na véspera, ao pôr-do-sol, o inimigo voltou a atacar por três vezes, ataques rápidos seguidos de uma rápida retirada, nem tivemos tempo de ripostar. Por precaução acampamos à beira da estrada, perímetro vigiado, vizinhança segura.

Os homens estão cansados depois do esticão entre Xibemba e Almeida, mas o moral continua alto neste nono dia do passeio até Luanda, como lhe chama o comandante Halaams. Reforçados com três carros de tropas e um pelotão de morteiros, o sono breve é reparador. A hora da partida está marcada para as três, há que aproveitar.

Bivaco a dez metros da picada, bem metido no meu sacco-cama e protegido pelo mosquiteiro. Durmo há pouco mais de 10 minutos quando um ruído na mata me desperta; não é

roncar de homem nem deslizar de inimigo, fico alerta. Parece o som de uma voz a chamar baixinho... uma voz feminina.

Extraio-me do saco-cama num movimento fluido de soldado treinado e avanço para o arvoredado, curvado para reduzir a área física exposta a eventuais agressões. E é quando nele entro, ainda iluminado pelos raios da Lua quase cheia, que deparo com ela.

Pequena, carapinha farta lábios grossos, corpo de velha mas os olhos com que me fita são de fogo e ardem. Sangue vivo, literalmente. Reconheço-a, vi-a há alguns dias.

«Que fazes aqui, soldado?», pergunta numa língua que não é nenhuma língua em particular mas uma mistura de todas, fala umbundo, fala kimbundu, fala kikongo, mas também há palavras em tchokwe, a língua do Leste, tão longe dali, e no idioma dos bosquímanos e até ibinda da distante Cabinda, para além do português, claro, vernáculo, por favor, com palavrões à mistura. Não sei como, percebo tudo o que diz.

*Interno-me na floresta na sua peugada, cruzamos o perímetro sem as sentinelas darem por nós, fugazes sombras sentadas; não sinto perigo, sossega-me a presença da mulher, ente ou espírito das árvores, não sei, à vista pouco mais do que um vulto pequeno e sem formas. Reparo melhor, transporta *minkisi*³², carrega consigo todos os poderes daquele mundo, os que sobram, e aguardo, não tenho de esperar muito pois ela recomeça a falar e é como um rio a passar, caudaloso, terroso, frio...*

«bicho-homem», diz, e de repente vejo-a claramente, resplandece, o corpo girovoltando em tantas dobras que defi-

³² Objecto concreto que um espírito habita, dominado por um humano e dotado de um poder sobrenatural. As *minkisi*, plural de *nkisi*, são divindades da natureza criadas pelo deus supremo, reunidas no candomblé, perpetuadas nos panteões africano, brasileiro, haitiano, orixás ou vudus, receptáculos, objectos sagrados, magia, espíritos que em tempos assombraram e vitalizaram as florestas, montanhas e rios dos velhos continentes.

nitivamente não é coisa de humano e fala, com cavernosa voz e o dedo fino, estilete encostado ao meu peito: «visses-me, capitão, como fui no tempo dos orixás e agora, por vossa causa, desvaneço».

Estremeço, impossível seria a impassibilidade, pergunto-me se os soldados acorrerão ao som daquela voz, não pode ser que durmam, acordarão, e hão-de vir com suas armas afiladas, metal ardente nas entranhas, mas na verdade não o quero, antes entender, «do que falas mulher?, não te percebo»

«desaparecemos todos, em breve eu seguirei» e toma outras figurações, parece saída de um lago branca e esguia, cabelos dourados longos, esbanja seus minkisi como se fosse dos brancos, em breve não sobrar nenhum adverte, «cuida-te humano, também és parte de nós», e surge caçadora com seu arco de carvalho, corda de sisal entretecido, flexiona os músculos, delgados de aço e a flecha parte, «uakola o muxima, uakola o mbli»³³.

Desfaleço. Regresso.

Já ela se vai sumindo e eu sem tempo pergunto «quem és tu afinal?» e ela responde,

«já fui coisas, fui todas as coisas, o pré-existente e os animais da selva, fui nzambi mpungu³⁴, as folhas da floresta as pedras que ferem os pés nus os regatos e os rios, pouco mais sou agora do que sombra, desvaneço-me, parto, acabou»

«porquê eu?», insisto e ela,

«tu e outros, os que conhecem o chão dos orixás, o trilham há muito», e eu calado, «chegam dez anos e mais dez e dez, juntos são trinta, destruição, o mundo acaba, nzambi acaba, tudo terminado, partimos, partiram, resto eu a guardar a memória, a guiar os ancestrais, bakulo bakulo, para que encontrem o trilho»

³³ «O que é duro de coração, é duro de sepultar» (kimbundu).

³⁴ Isto é, completo em mim mesmo, ou mesma, da cultura bantu.

*«quem és tu?»,
e ela some-se, translúcida por aspiração das árvores ecoa,
«o bicho-homem veio para acabar, a terra seca, a terra en-
sopada de água, um líquido vermelho, espesso, sangue do
sangue dos nossos, vou-me agora eu também, deixo-vos os
génios, os intermediários e vou-me».*

*Acordo sufocado pelo mosquito que me cobre a cara.
Em redor silêncio, os ruídos da floresta e o ronco dos ho-
mens. Banhado em suor, afasto a dobra superior do saco-
-cama, levanto-me. O relógio de pulso, herança do meu pai,
indica meia hora passada da uma. Em breve partiremos. A
floresta negra e inerte, petrificada.*

O bicho-homem está em marcha.